



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

da Maia já não dominam os ladrões... pelo menos à moda antiga.

Mas a justiça popular ainda se encontra de pé, manifestando-se de longe a longe, mais ou menos terrível, conforme a gravidade dos casos:

Paredes destruídas, casas apedrejadas, poços entupidos, caminhos abertos à fôrça, gatunos modestos confessando as suas culpas ao som da vêrga tangida, e até... (mas cala-te, bôca!) — são casos em que temos ouvido falar como acontecidos nos nossos dias.

E' que a região da Maia só desapareceu como divisão legal. Continua vivendo na sua linguagem característica, nas suas romarias, nos seus costumes agrícolas, no vestuário das suas camponesas, na arquitectura das suas casas, e até nos próprios espelhos dos portões da carreira.

Santo Tirso, 13 de Abril de 1922.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

O NATAL EM SANTO TIRSO

As *matanças* dos porcos realizam-se geralmente pelo *Santo André* (30 de Novembro), mas continuam até ao Natal, e mesmo depois, enquanto o frio se mantém.

Diz o povo:

«Pelo Santo André
faz o porco *cué*, *cué*...»

Determina-se a época, usando-se a seguinte fórmula:

«Dos Santos ao Santo André
um mês é;
do Santo André ao Natal
é outro que tal;
mas quem bem contar
três semanas há-de achar.

Morto e desfeito o porco, quási sempre no domingo seguinte, há um banquete em que se reúne toda a família, e em que predomina o sangue de porco (*sarrabulho*), que dá o nome à festa, e a carne fresca: rojões, lombo, fígado, etc.

Depois de recolhido o sangue do porco num alguidar, coze-se numa panela; enquanto se procede a essa operação, costumam alguns chamar o porco como se êle estivesse vivo (dando estalos com a língua no céu da bôca), para que o sangue fique bem *folhado*.

O caso explica-se assim: Quando se chama pelo porco em vida, êle agita-se, e o sangue mexe-se, tornando-se mais vivo. O mesmo acontece quando o sangue está a ferver na panela.

Na véspera do Natal há a *consoada* em que predominam o *bacalhau cozido com batatas*, os *mexidos*, as *rabanadas*, as *sopas-sêcas* e a *letria*.

Nas casas mais ricas é costume organizar-se uma *árvore do Natal* — um pinheiro novo, onde se dependuram brinquedos, que são distribuídos pelas crianças.

Na noite da *consoada* queima-se o *cepo* — que continua a pôr-se no lar todos os dias até às Janeiras ou até aos Reis. Passados os Reis, guarda-se o *cepo*, que, pôsto ao lume por ocasião das trovoadas, tem a virtude de as afastar. Teem o mesmo poder as cascas das pinhas assadas na noite de Natal.

Nas vésperas do dia do Ano Novo e de Reis anda o povo a cantar pelas portas, aos magotes, recebendo em paga dinheiro, e às vezes entram nas casas, onde comem e dançam pela noite adiante.

Eis alguns romances que ouvimos nas festas de 1920-1921.

- 1) «Vimos dar as boas festas
a estes nobres senhores;
é nascido um Deus Menino,
em Belém, entre os pastores.

Lá no Céu há um castelo,
forrado à maravilha;
lá no primeiro degrau
onze mil anjos havia;
lá no meio dêles todos
estava a Virgem Maria

com seu menino nos braços
que seu peito lhe pedia;
o seu leite era tam doce
que Jesus adormecia.

Enquanto Jesus dormia,
chorava a Virgem Maria.
Acordou Jesus e disse:
— Porque choras, ó mãe minha?
— Choro pelos pecadores
que no outro mundo havia:
Uns que me pedem pão,
outros que me pedem vida,
outros me pedem glória,
eu dá-la a todos queria.

- 2) Os três Reis estão chegados
à lapinha de Belém,
visitar um Deus Menino,
que Nossa Senhora tem.
Nossa Senhora lhe disse:
— Filho meu, que te farei?
Não tenho cama nem berço;
nos braços te criarei.

O' Pastores, entrai, entrai
por êsse portal sagrado;
lá vereis estar o Menino
entre as palhinhas deitado.
As palhinhas botam mel
ó divino Manuel;
as palhinhas botam lírios
ó divinos dos Martírios;
as palhinhas botam cravos
ó divinos três Reis Magos;
as palhinhas botam flores
ó divino dos Senhores.

-
3) Sobreirinho ramalhudo,
ao pé lhe cai a bolota;
— Se o senhor nos dá os Reis,
mande-me abrir a porta.
— Minha porta não se abre
menos que não venha o dia.
Era meia noite em ponto,
minha porta aberta ia:
quem na abriu *foi* os Anjinhos
e mais a Virgem Maria.

No fim dos romances veem as cantigas — quadras
populares que se adaptam às pessoas da casa:

Viva lá o senhor F.,
casaquinha de pinhão;
para ser nosso amigo,
deve-nos dar um tostão.

Viva lá o senhor F.,
correntes de ouro ao peito;
quando passa pelas mãças,
empisca-lhe o olho direito.

Viva lá o senhor F.,
raminho de peônia;
tam bonita como o sol,
tam clara como o dia.

Viva lá o senhor F.,
raminho de ao pé do tanque;
dá-lhe a chuva, dá-lhe o vento,
cada vez é mais brilhante.

Viva lá a senhora F.,
raminho de entre o valado;
estimo que casê cedo
com rapaz do seu agrado.

Viva lá o senhor F.,
casaquinha de riscado;
para ser nosso amigo,
devia-nos dar um cruzado.

Viva a senhora F.,
que é uma senhora de nobreza;
quando os pobres vêm à porta
nunca saem com tristeza.

Se o dono da casa é generoso, o rancho retira-se
satisfeito, depois de cantar as despedidas:

Vimos dar as despedidas
por cima da meia rasa;
vivam os senhores todos
que estão dentro desta casa.

Vimos dar as despedidas
por cima de Guimarães;
se não tem mais que nos dar,
dê-nos sequer as *mações*.

Vimos dar as despedidas
por cima de Santo Tirso;
se não tem mais que nos dar,
dê-nos sequer um chouriço.

Vimos dar as despedidas
por cima da flor da *gesta*;
acabaram-se as cantigas,
também se acabou a festa.

Já temos os Reis cantados,
cantámo-los muito bem;
adeus, meus senhores todos,
até ao ano que vem.

Já temos os Reis cantados,
bem haja quem os cantou;
eu andava muito rouca,
e a Senhora me ajudou.

Se o rancho não recebe os *reis*, isto é, a recompensa da cantoria, lança contra o sumítico uma quadra satírica :

Esta casa é tam alta,
forrada de pau espinho;
o senhor que nela mora
é judeu, e tem rabinho!

Santo Tirso, Janeiro de 1921.

FERNANDO ANDRADE PIRES DE LIMA ⁽¹⁾.

(¹) Este artigo é a parte principal de um exercício apresentado pelo autor, meu sobrinho, quando frequentava a sexta classe de Letras.

Poucas alterações introduzi naquele trabalho, que é interessante, e vem acrescentar alguns elementos ou fornecer variantes às *Tradições Populares de Santo Tirso*, que vão na 3.^a série, e que tem sido publicadas por mim na *Revista Lusitana*, vol.^{es} XVIII a XXII.

Para saberem se um porco está gordo usam em Ervedosa do Douro o seguinte processo: Arrancam-lhe um pêlo, e colocam-no com a parte arrancada sobre uma unha. Colando, o porco está gordo.

Havia antigamente épocas em que não se podia vender carne de porco:

«...vendendo-se carne de porco antes daquelle tempo, em que pode deixar de ser nociva, em que o Senado com parecer dos Medicos lhe dá preço...» (Decreto de 18 de Nov. de 1687. Coll. II dos Decretos e Cartas do Liv. I das *Ordenações*).

Abril de 1922.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.